



Atos de fala em crônicas de Luís Fernando Veríssimo

Simone Sant Anna
Mestranda, UFRJ/CNPq
simonesnt@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo estudou os atos de fala em crônicas de Veríssimo. A pesquisa fundamentou-se na teoria dos Atos de Fala de Austin (1962) e Searle (1969) e surgiu pela hipótese de haver uma predominância dos Atos de Fala expressivos por tratar-se de textos de humor. O *corpus* foi constituído por 15 crônicas do livro *Novas comédias da vida privada* (1996) e 15 do jornal *O Globo* (2003, 2004 e 2005). Os resultados totalizaram 868 dados. Verificou-se que há diferença entre a escolha dos atos de fala utilizados na crônica de jornal e na crônica de livro.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objeto de estudo os atos de fala em crônicas humorísticas da autoria de Luis Fernando Veríssimo publicadas tanto em jornal quanto em livro.

A pesquisa foi realizada com base na teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle, mais especificamente na classificação dos atos ilocucionários proposta por Searle. A pesquisa apresenta, também, um breve estudo sobre o gênero textual crônica.

Foi realizada uma análise qualitativa dos dados de modo a utilizar as cinco classificações dos atos ilocucionários na identificação e descrição dos enunciados nas crônicas de jornal e de livro.

A pesquisa foi motivada pela hipótese de haver uma predominância dos atos de fala expressivos por tratar-se de textos de humor; e ainda pela possibilidade de haver diferença quanto à presença de atos ilocucionários entre as crônicas de jornal e as de livro.

2. Arcabouço teórico

2.1 A teoria dos Atos de Fala

A teoria dos Atos de Fala é um estudo entre os signos e seus intérpretes que teve origem com a publicação da obra de Austin *How to do things with words* em 1962. Mas, ele não foi o primeiro a afirmar que dizer é também um fazer. Essa teoria já se fazia presente na retórica de Aristóteles e Perelman e nada mais era que o estudo da arte de persuadir pelo discurso. A principal contribuição de Austin apresenta-se na idéia de que a língua deve ser tratada como forma de ação e não apenas como uma simples representação da realidade.

Austin distingue três tipos de ação linguística (ato de fala):

1. Ato locucionário	2. Ato ilocucionário	3. Ato perlocucionário
Enunciado com determinado sentido e referência	O falante atribui a esse conteúdo proposicional uma determinada força.	O falante exerce certos efeitos sobre o ouvinte por meio do enunciado.

Searle, discípulo de Austin, questionou a classificação proposta pelo mestre, pois a classificação inicial baseava-se em verbos ilocucionários e não em atos ilocucionários. Austin apresenta a seguinte classificação para os atos ilocucionários:

Austin (atos ilocucionários)	
1. Veredictivos ou atos judiciais	Consistem em pronunciar um julgamento fundado na evidência ou em boas razões, acerca de um valor ou fato.
2. Exercitivos	Consistem em formular uma decisão em favor ou no sentido de uma sequência de ações.
3. Comissivos ou promissivos	Comprometem o leitor com determinada sequência de ações.
4. Comportativos	Trata-se de reações ao comportamento dos outros, aos acontecimentos que lhes dizem respeito.
5. Expositivos	São utilizados para expor concepções, conduzir argumentações, esclarecer a utilização de palavras, assegurar as referências.

Searle apresenta uma nova classificação para os atos ilocucionários, com exceção dos atos comissivos ou promissivos:

Searle	
1. Assertivos ou representativos	Compromete o falante com a verdade expressa na proposição.

2. Diretivos	Tenta levar o interlocutor a fazer algo.
3. Promissivos	Compromete o falante com uma ação futura.
4. Expressivos	Expressa um estado psicológico.
5. Declarações	Muda o estado institucional, tende a se apoiar em instituições extralinguísticas.

Os atos de fala foram examinados por Austin e por Searle isoladamente, para fins de delimitação. Entretanto, nenhum ato de fala pode ser realizado isoladamente. Em geral, uma pergunta pede uma resposta, uma objeção pede igualmente uma resposta...

Entre os diferentes tipos de realizações dos atos de fala estão a realização direta e a indireta. Segundo Searle (1969), o ato de fala direto é realizado através de formas linguísticas específicas. O ato de fala indireto é aquele em que uma força ilocucionária é obtida, indiretamente, por meio de outro ato.

2.2 O gênero textual crônica

A etimologia da palavra crônica vem do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica(m)*.

Durante o século XIX, a crônica perde sua conotação historicista e passa a revestir sentido estritamente literário. Beneficiando-se da ampla difusão da imprensa, nessa época, a crônica adere ao jornal. É em 1799 que o seu aparecimento ocorre, nos *feuilletons* dados à estampa por Julien Louis Geoffroy no Journal de Débats, que se publicava em Paris. Numerosos seguidores surgiram depois disso, após 1836 e traduziam o termo francês por folhetim.

Na metade do século, o vocábulo crônica começou a ser largamente utilizado como narrativa histórica por muitos escritores do tempo, desde Alencar, e atingindo o apogeu em Machado de Assis. Entretanto, a essa fase heróica sucedeu a de esplendor na produção de crônicas iniciada por João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto), entre 1900 e 1920.

Uma nova etapa alcança larga difusão e aceitabilidade com Rubem Braga, na década de 30, exemplo que depois foi seguido por uma legião de escritores, como Raquel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e tantos outros.

A crônica é um gênero híbrido entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal de um acontecimento trivial e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.

As principais características do gênero textual crônica são: a presença de temas do cotidiano; a subjetividade; a brevidade; dimensões líricas e/ou filosóficas e/ou humorísticas; o hibridismo; o dialogismo; faces visível e invisível; personalidade literária do autor.

3. Enfoque metodológico

Com base na teoria dos Atos de Fala, um *corpus*, constituído por 30 textos na modalidade escrita, mais especificamente 15 crônicas do livro *Novas comédias da vida privada* e 15 do jornal *O Globo* sendo ambas amostras de crônicas da autoria de Luís Fernando Veríssimo, foi analisado, quantitativamente, qualitativamente e comparativamente.

Não foram consideradas na análise as estruturas linguísticas formadas por verbos impessoais, verbos de ligação, locuções verbais e verbos em suas formas nominais. Vale ressaltar que todo o enunciado foi analisado e não apenas o verbo, embora este tenha sido considerado o ponto de partida da análise.

4. Resultados da análise dos dados

Os resultados da análise totalizaram 868 dados, sendo 531 atos ilocucionários de crônicas do livro *Novas comédias da vida privada* e 337 atos ilocucionários de crônicas do jornal *O Globo*. Analisaram-se os seguintes tipos de atos ilocucionários, segundo a classificação de Searle: (i) assertivos, (ii) diretivos, (iii) promissivos, (iv) expressivos e (v) declarações.

O ato ilocucionário é a estrutura linguística oral ou escrita dotada de determinada força. Desse modo, a própria sequência dos enunciados constitui a sequência dos atos de fala. Segundo Orecchioni (2005), a noção de ato de fala foi elaborada, inicialmente, na perspectiva da unidade-frase; mas ela se revela ainda mais eficiente para entender os discursos, vistos como sequências de atos de fala, cuja sequencialidade varia conforme se esteja lidando com um discurso de natureza monologal ou dialogal.

4.1 Relação entre o total dos atos ilocucionários encontrados nas crônicas de jornal e de livro

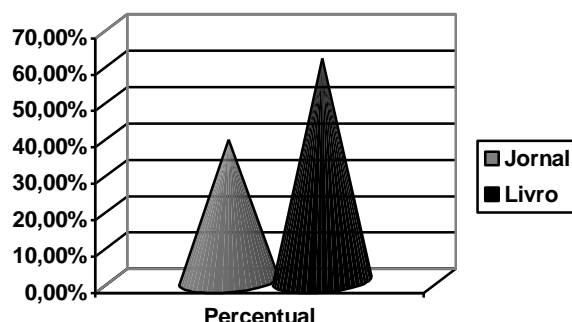


Figura 1 - Atos ilocucionários encontrados nas crônicas de jornal e de livro

A amostra do jornal *O Globo* apresentou um total de 337 dados sendo 196 atos ilocucionários assertivos; 55 atos ilocucionários diretivos; 20 atos ilocucionários comissivos; 66 atos ilocucionários expressivos; e 0 (zero) declarações. Ao passo que a amostra do livro *Novas comédias da vida privada* apresentou um total de 531 dados sendo 341 atos ilocucionários assertivos; 109 atos ilocucionários diretivos; 15 atos ilocucionários comissivos; 66 atos ilocucionários expressivos; e 0 (zero) declarações. No quantitativo de ocorrência dos atos de fala ilocucionários, das crônicas do jornal *O Globo* e do livro *Novas comédias da vida privada*, observa-se que a amostra do jornal apresenta o número de ocorrência de atos de fala ilocucionário menor do que o número encontrado na amostra do livro. Semelhantemente, o percentual de atos de fala ilocucionários no jornal *O Globo* (38,8% de 868 ocorrências) foi menor do que no livro *Novas comédias da vida privada* (61,2% de 868 ocorrências). A diferença percentual entre uma amostra e outra pode sinalizar que uma das características das crônicas de jornal é apresentar menos quantidade de atos de fala por tratar-se de um texto especialmente publicado para uma leitura rápida e objetiva, enquanto as crônicas de livro tendem a apresentar maior quantidade de atos de fala na medida em que julga que o leitor irá aprofundar um pouco mais a leitura.

Esses resultados tendem a confirmar a hipótese de que há realmente diferença entre os atos de fala ilocucionários encontrados nas duas amostras analisadas.

4.2 Relação entre o número de atos de fala ilocucionários assertivos nas crônicas de jornal e de livro

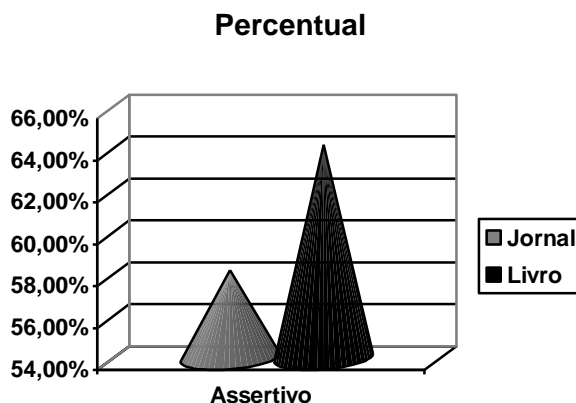


Figura 2 - Atos de fala ilocucionários assertivos nas crônicas de jornal e de livro

(Ex.:1) “**Defendo** a tese de que a única esperança para a sobrevivência do gênero masculino sobre a Terra é o travesti. (...)” [assertivo, *O Globo, Única esperança*]

(Ex.:2) “(...) – E seu pai não se **chamava** José. (...)” [assertivo, *Novas comédias da vida privada , Apelidos*]

O número de ocorrências dos atos de fala ilocucionários assertivos, tanto nas crônicas de jornal quanto nas de livro, indica que a presença de atos de fala ilocucionários assertivos é mais frequente em relação aos outros tipos de atos ilocucionários, já que os índices percentuais estão acima de 50% (jornal – 58,2% e livro – 64,2% em um total de 868 dados). A maior produtividade de atos de fala ilocucionários assertivos pode confirmar a presença de alto teor narrativo no gênero textual crônica que, por sua vez, tem por objetivo dizer ao interlocutor como são as coisas e como elas acontecem no mundo.

Verifica-se, em ambas as amostras, um considerável número de ocorrência de atos de fala ilocucionários assertivos. Esse percentual (jornal 58,2% de 337 ocorrências – livro 64,2% de 531 ocorrências) se justifica pelo tipo de texto analisado, que pode sinalizar uma característica da prosa ou, até mesmo, do gênero textual crônica que sendo tipicamente narrativo favorece a ocorrência de atos de fala assertivos, pois a narração possibilita o uso constante de estruturas que tendem a apresentar asserções sobre os acontecimentos ou sobre o estado das coisas. O gênero textual crônica também possibilita o predomínio de asserções devido a sua função sócio-comunicativa. Tais resultados demonstram que, em ambas as amostras, opta-se, predominantemente, por estruturas assertivas.

As estruturas linguísticas dos atos da fala assertivos apresentam muita variedade no que se refere aos tempos e modos verbais. Ocorrem tanto no modo indicativo quanto no modo subjuntivo. Os tempos verbais predominantes são o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito na terceira pessoa do singular e do plural.

Esses resultados, de certa forma, contrariam a hipótese de que haveria ocorrência predominante de atos de fala ilocucionários expressivos. Entretanto, podem confirmar a hipótese de que há diferença entre a ocorrência de atos de fala ilocucionários entre as crônicas de jornal e de livro.

4.3 Relação entre o número de atos de fala ilocucionários diretivos nas crônicas de jornal e de livro

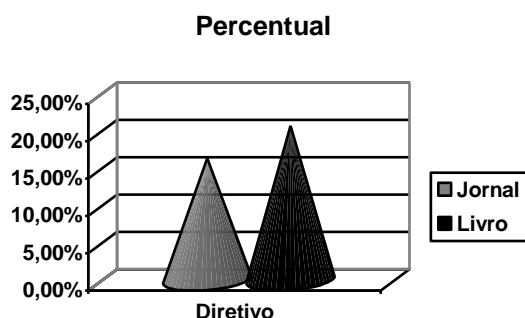


Figura 3 - Atos de fala ilocucionários diretivos nas crônicas de jornal e de livro

(Ex.:3) “(...) – Está bem. **Mande** entrar. (...)” [diretivo, *O Globo, Ultimato*]

(Ex.:4) “(...) – **Comece** tudo do começo. (...)” [diretivo, *Novas comédias da vida privada, Coquetel*]

Nos gráficos acima, pode-se constatar a ocorrência de maior uso de atos de fala ilocucionários diretivos nas crônicas de livro, confirmando a diferença na ocorrência de atos de fala ilocucionários entre crônica de jornal e de livro.

Destaca-se a diferença da produtividade de atos de fala ilocucionários provenientes do jornal *O Globo* (16,3% de 337 ocorrências) e do livro *Novas comédias da vida privada* (20,6% de 531 ocorrências).

As estruturas linguísticas dos atos da fala diretivos ocorrem, predominantemente, com o verbo no modo imperativo evidenciando o efeito de uma ordem. Entretanto, pode apresentar-se de forma mais sutil como um conselho, uma sugestão, um pedido, uma exigência de forma menos marcada conseguida através do uso de uma estrutura interrogativa.

4.4 Relação entre o número de atos de fala ilocucionários promissivos nas crônicas de jornal e de livro

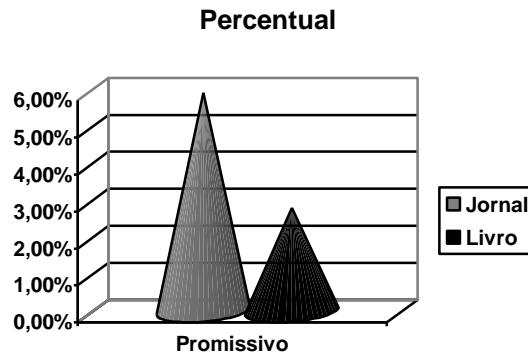


Figura 4 - Atos de fala ilocucionários promissivos nas crônicas de jornal e de livro

(Ex.:5) “(...) A senhora pode escolher. Ou nos diz tudo o que sabe sobre os negócios do seu marido, e neste caso nós **destruímos** as fitas, ou não coopera conosco e o seu marido ouve as fitas comprometedoras, que podem muito bem, por descuido nosso, também aparecer na imprensa. (...)” [promissivo, *O Globo, A escolha*]

(Ex.:6) “(...) – **Mando** prender. A do Monza branco. Mecha no cabelo. Tragam pro meu escritório. (...)” [promissivo, *Novas comédias da vida privada, Radical*]

Os gráficos acima demonstram que as crônicas de jornal e de livro apresentam percentuais muito baixos de atos de fala promissivos (jornal – 5,9% de 337 ocorrências e livro – 2,8% de 531 ocorrências).

Destaca-se a diferença, mesmo que pequena, entre a ocorrência de atos de fala promissivos nas amostras analisadas. Observa-se que as crônicas de jornal tendem a optar pela utilização de atos promissivos com mais frequência do que as crônicas de livro.

As estruturas linguísticas dos atos da fala promissivos ocorrem predominantemente na primeira pessoa do singular ou do plural do presente do indicativo ou do futuro do presente, embora haja ocorrências com o verbo no pretérito mais-que-perfeito.

4.5 Relação entre o número de atos de fala ilocucionários expressivos nas crônicas de jornal e de livro

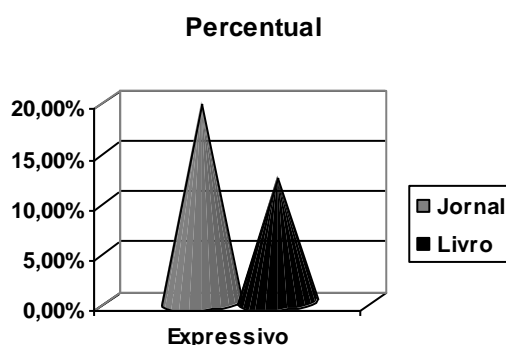


Figura 5 - Atos de fala ilocucionários expressivos nas crônicas de jornal e de livro

(Ex.:7) “Não sei se cheguei a ver todos os filmes da série “Star Wars”. **Gostei** do último mas não posso dizer se foi pela mesma razão que tenho ouvido muito: que ele só é bom em comparação com os últimos, que eram péssimos.(...)” [expressivo, *O Globo*, *Numa galáxia não muito distante...*]

(Ex.:8) “(...) – É que, em todas essas minhas atividades, eu **sinto** falta de uma coisa. Do risco, entende? (...)” [expressivo, *Novas comédias da vida privada*, *Experiência Nova*]

De acordo com o gráfico acima, o percentual de atos de fala expressivos (jornal – 19,6% de 337 ocorrências e livro – 12,4% de 531 ocorrências) difere do percentual de atos de fala de fala diretivos analisados no item anterior. Observa-se que o percentual de atos de fala diretivos nas crônicas de livro (20,6%) é maior do que o percentual de atos de fala expressivos nas crônicas de livro (12,4%). Entretanto, o percentual de atos de fala diretivos nas crônicas de jornal (16,3%) é significativamente menor do que o percentual de atos de fala expressivos nas crônicas de jornal (19,6%). Certamente, o resultado indica que os atos diretivos e expressivos apresentam maior ou menor ocorrência dependendo do veículo de publicação. Desse modo, opta-se por atos expressivos no jornal e por atos diretivos no livro. Fica evidente, portanto, a diferença percentual entre ambas as amostras.

As estruturas linguísticas dos atos da fala expressivos ocorrem predominantemente com o verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ou do pretérito perfeito.

4.6 Relação entre o número de atos de fala ilocucionários declarações nas crônicas de jornal e de livro

Não houve ocorrência do ato de fala ilocucionário declarações em ambas amostras analisadas. A não ocorrência desse tipo de ato de fala pode ser justificada pelo fato de que esse ato de fala muda o estado institucional, ou seja, depende de fatores extralinguísticos que não são característicos do tipo de texto analisado.

5. Considerações finais

A presente pesquisa estudou os atos de fala ilocucionários segundo a classificação de Searle em crônicas, de autoria de Fernando Veríssimo, publicadas no jornal *O Globo* e no livro *Novas comédias da vida privada*. Pode-se dizer que a pesquisa validou parcialmente as hipóteses iniciais de que poderia haver diferença na ocorrência de atos de fala ilocucionários entre as crônicas de jornal e de livro e de que haveria predominância dos atos de fala expressivos. Considerando-se os tipos de atos de fala ilocucionários analisados, fica evidente a diferença no percentual de ocorrência entre os atos encontrados nas crônicas de jornal e de livro. Verifica-se que, nas crônicas do jornal, há maior ocorrência de atos de fala expressivos e comissivos em comparação com as crônicas do livro. Por outro lado, as crônicas de livro apresentam maior ocorrência de atos de fala assertivos e diretivos. Logo, há diferença entre a escolha dos atos de fala utilizados na crônica de jornal e na crônica de livro. Essa escolha lingüística, por parte do autor, acarreta uma diferença sutil no sentido expresso pela crônica que pode refletir uma certa intencionalidade comunicativa. Essa escolha é motivada por diversos fatores, mas o principal é a relevância dada à leitura pelo público-alvo que pode fazer com que os jornais prezem o entretenimento, e os livros prezem a profundidade do texto. Entretanto, considerando-se os percentuais dos atos de fala assertivos analisados, verifica-se que, nas duas amostras, esse percentual foi superior a 50% dos dados analisados. Logo, a hipótese de que poderia haver predominância de atos de fala expressivos não pode ser confirmada.

6. Referências

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CÂNDIDO, Antonio. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-70. (Série Investigações Lingüísticas).

ILARI, Rodolfo; GERALDI, Wanderlei. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios)

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Os atos de linguagem no discurso*. Tradução de Fernando Afonso de Almeida e Irene Ernest Dias. Niterói: EdUFF, 2005.

KOCH, Ingedore. *A inter-ação pela linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Tradução Marilda Winkler Averbug; Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1987.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido*. Rio de Janeiro: ENTRELIVROS, 2005.